

“QUE COUSA É O GAÚCHO?”¹: IMAGENS DE GAÚCHO NA IMPRENSA GAÚCHA EM TEMPOS DE CENSURA

George Uilian Monteiro²

INTRODUÇÃO

Este trabalho objetiva pensar as imagens de gaúcho discursivizadas no discurso jornalístico em circulação no período de exceção instaurado com o golpe civil-militar de 1964. Trazendo à baila noções caras à escola francesa de Análise de Discurso – inaugurada por Michel Pêcheux, e sabendo dos seus deslocamentos, desdobramentos, de sua (re)configuração no Brasil – sobretudo nos trabalhos desenvolvidos por Eni Orlandi – buscamos um movimento que devolva o texto ao seu processo, ou seja, que desloque nossa relação com o texto – dessa materialidade linguística, no discurso, nos processos discursivos.

Apesar de trabalhar diretamente com conceitos relacionados com a psicanálise (imaginário, real e simbólico) a análise de discurso toma essas noções de maneira não-subjetiva, ou seja, na sua relação com a ideologia (e não apenas com o inconsciente), com a determinação histórica. Explicitando o espaço de imposição de um ‘mundo’ semanticamente normal onde trabalha o jornalístico, questionamos a evidência, opondo à transparência da lógica da imprensa uma visão de opacidade da língua. Trabalhamos na busca de outros sentidos silenciados para o imaginário de gaúcho (para além da relação dicotômica mito-não mito) nessa textualização em uma coluna *de* jornal.

Realizamos para tal um recorte no interior do jornal Zero Hora do ano de 1967 (20 de setembro) em texto intitulado ‘*Definição do Gaúcho*’ - escrito por José Fernando Carneiro. Para colocarmos em questão a interpretação *sobre* o gaúcho, as imagens de gaúcho sobrepostas *no/pelo* discurso jornalístico, precisamos considerar as condições de produção desse discurso.

Rompendo com uma ideia cronológica de história, buscamos compreender os efeitos de sentido presentes em uma regularidade discursiva – repetições, excessos, faltas *sobre* o gaúcho. Ao abordarmos esse espaço discursivo, estaremos movimentando as noções de discurso, formação discursiva (FD), memória discursiva, esquecimento e silenciamento (Orlandi, 2001, 2005, 1992; Pêcheux, 1999, 2009, 2012).

¹ Este enunciado foi retirado do corpus em análise nesse artigo.

² Mestrando em Estudos Linguísticos no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM. E-mail: uiliandelongue@yahoo.com.br

ALGUMAS REFLEXÕES

A fim de pensarmos o contexto em que estamos envolvidos, colocamos a censura - a partir da proposta de Orlandi ((1992, p. 78), *As Formas do Silêncio*) de *silenciamento* – como sendo “a interdição da inscrição do sujeito em formações discursivas determinadas”, levantando algumas questões que julgamos importantes:

- Quem é o autor? (relação entre a circunstância de enunciação e o contexto sócio-histórico)
- Que imagem de gaúcho a imprensa tenta reforçar em sua prática homogeneizante?

Reconhecemos o discurso jornalístico como atuante, conforme observa Bethania Mariani (1996), “na constituição do imaginário social e na cristalização da memória do passado bem como na construção da memória do futuro”, buscando um efeito lógico de causa e consequência em espaços já estabelecidos, *no “já-lá”*. Ao trabalharmos a constituição das imagens de gaúcho, dessa figura identitária do sul do Brasil, precisamos ressaltar a sua configuração contraditória, observando os deslocamentos de sentidos que se deram através dos tempos. Durante algum tempo – séculos XVII, XVIII - o gaúcho, grupo social formado por negros, índios e mestiços, foi considerado como aquele que “vivía fora do que determinava a lei, apropriando-se do que, teoricamente, não tinha dono e estava sempre fugindo das autoridades” (PETRI, 2004, p.128). Para que se formasse o mito do gaúcho, centauro dos pampas, figura idealizada, foi necessário “diminuir a importância social do homem civilizado que dominava, bem como características pejorativas que o gaúcho (semi-bárbaro) representava no interior da sociedade civilizada” (Idem, p. 101). O processo que instaura o gaúcho como sinônimo de sul rio-grandense é, ainda segundo Petri, “do início do século XX, quando ocorre uma re-significação do imaginário “sobre o gaúcho”” (Idem, p. 129). É importante ressaltar que não há espaço para o discurso (“efeitos de sentido entre locutores” (ORLANDI, 2005, p.21)) *do* gaúcho, ele está sempre sendo discursivizado pelo outro, o homem urbano civilizado, configurado em um discurso *sobre* o gaúcho que:

não escreve sua própria história, ele não fala, o lugar destinado a ele é promovido pelo “outro”, o que vem da Europa (e de outras partes do Brasil), ele é observado e suas características e comportamentos são narrados pelo outro. E é nessa história contada pelo outro que constitui o imaginário social que temos sobre o gaúcho até hoje. (PETRI, 2004, p. 132)

Ao apontarmos a contradição constitutiva nesse produto (a imagem do mito) que é reforçado nos espaços tradicionalistas, podemos indicar essa relação de um gaúcho ‘não urbano’, sendo observado e discursivizado pelo homem ‘urbano’. Voltamos aqui a uma das questões que levantamos anteriormente: que imagem de gaúcho a imprensa tenta reforçar em sua prática homogeneizante? Esse discurso dominante – do homem civilizado, urbano, sobre o gaúcho - o dominado, nos remete a uma questão de assujeitamento: como se dá esse processo de controle de um grupo social, o gaúcho, por esse espaço urbano (jurídico)? Seria um movimento que possibilita “novas identificações que venham substituir as identificações anteriores?” (HAROCHE, 1992, p. 199).

A imprensa, ao colocar sua proposta homogênea, única e indiscutível de imagem de gaúcho, silencia (o silenciamento) outros sentidos possíveis, demarcando sua posição (dos dominantes), sua *formação discursiva*, “o que pode e deve ser dito” daquele lugar ideológico (PÊCHEUX, 2009, p. 147). Por mais que sua textualização busque sobrepor uma imagem de gaúcho às demais, o jornalístico, lugar que tira proveito da necessidade de um mundo semanticamente normal por parte dos sujeitos (PÊCHEUX, 2012) - toma a língua como transparente, lugar de evidências, sendo que o mobilizar do dispositivo teórico analítico consegue romper com essas concepções, já que o discurso “materializa o contato entre o ideológico e o linguístico” (ORLANDI, 1992, p. 22). Podemos apontar os deslizamentos, já que as demais imagens de gaúcho podem até ter sido silenciadas, mas não foram apagadas dessa ‘memória discursiva’, nos termos de Pêcheux (1999, p.56): “espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização...”, um espaço “de réplicas, polêmicas e contra-discursos”.

TRABALHANDO A PARTIR DE UM RECORTE

O presente recorte, como observamos anteriormente, é intitulado “*A definição do gaúcho*”, texto assinado por José Fernando Carneiro e que circulou no jornal Zero Hora do dia 20 de setembro de 1967. Faz-se necessário observar que a data do dia 20 de setembro, no Rio Grande do Sul, é marcada pelos ‘festejos’ do ‘dia do gaúcho’ (feriado), fazendo referência ao início das lutas entre os exércitos farrapos (republicanos), e os exércitos imperiais – a Revolução Farroupilha (1835-1845). Esse evento pôde servir como um espaço a ser discursivizado *em favor* do mito do gaúcho, na idealização do gaúcho, com sua bravura, na defesa dos ‘princípios’ farroupilhas. Convém lembrar que o gaúcho, durante a Revolução Farroupilha, lutou tanto do lado dos farrapos, quanto dos exércitos imperiais (PETRI, 2004, p. 103).

A primeira das duas questões apresentadas em nossas reflexões (quem é o autor?) pode ser retomada. Ao buscarmos maiores informações sobre o autor nos deparamos com uma figura muito interessante: José Fernando Carneiro³ foi médico nascido em Fortaleza no Ceará, vindo parar no Rio Grande do Sul em 1951, a fim de fazer parte da Faculdade de Medicina de Porto Alegre. Nas poucas fontes que encontramos, fala-se em um homem “de firmes convicções, mas (que) cultivava paradoxos”. Para melhor trabalharmos essas questões, vamos selecionar em nosso recorte algumas sequências discursivas (SD) presentes no texto, observando que imagens de gaúcho estão sendo movimentadas.

(SD1)

“DEFINIÇÃO DO GAÚCHO”

“[...] ocorre-me propor uma interpretação do gaúcho [...]”

“Refiro-me, é claro, ao gaúcho tradicional, àquela gente do tempo dos Farrapos, fossem ou não seguidores de Bento Gonçalves”

³ Todas as informações sobre José Fernando Carneiro estão no site:

<http://www.academiademedicinars.com.br/curriculo-detalhe.php?idcurriculo=20>

A partir dessa SD, vamos apresentar as marcas discursivas do texto, no funcionamento dos verbos definir, interpretar (o gaúcho). O autor delimita, determina o gaúcho a ser definido/interpretado: “*gaúcho tradicional*”; “*àquela gente do tempo dos Farrapos*”; “*fossem ou não seguidores de Bento Gonçalves*”; como destacamos anteriormente, o gaúcho, o ‘fora da lei’, durante a Revolução Farroupilha, lutou de ambos os lados. Aqui, portanto, o autor aponta não em direção ao mito, mas ao gaúcho que pode ser aquele errante, marginalizado. Há um confronto, deslocamento entre ‘propor uma interpretação’ e ‘definir’, já que definir, segundo o dicionário Houaiss (2007) pode dar a ideia de “estabelecer limites; delimitar”. Ao afirmar “*fossem ou não seguidores de Bento Gonçalves*”, o autor acaba por colocar ‘em suspenso’ o gaúcho, já que a formação discursiva dominante, a ser reproduzida no jornal, é a de afirmação do mito, muito apoiada na imagem desse líder farroupilha.

(SD2)

“O Rio Grande do Sul é o Brasil em alto relêvo As qualidades e defeitos do brasileiro aparecem agravadas no gaúcho, que em vez de ser um brasileiro voluntário, é o brasileiro por excelência, se assim posso me expressar”

Aqui encontramos marcas que afastam e contrapõem àquela possibilidade de imagem outra de gaúcho, discursivizada na primeira SD. O gaúcho, que antes apareceu como podendo ou não seguir Bento Gonçalves, aqui aparece sendo dito sul rio-grandense: “(d’) *O Rio Grande do Sul*”. O gaúcho não está a resistir ao exército imperial e/ou farrapo; não se trata mais de *falar sobre* o gaúcho “*do tempo dos Farrapos*”, mas do gaúcho contemporâneo do autor: o sul rio-grandense que deve estar identificado como brasileiro, nos limites da fronteira. Estamos em 1967, tempos de censura: a oração “*se assim posso me expressar*”, nesses anos de repressão, pode retomar dizeres da resistência, de oposição ao regime militar que é apoiado pelo jornal.

(SD3)

“Dizendo isso, temo ser interpretado como alguém que deseja agradar. Longe de mim tal intento. Procuo expor os fatos tal como os vejo. A brasilidade dos gaúchos nunca foi produto de uma opção, após alguma indecisão”

Nessa terceira SD aparecem marcas de um deslize que podemos relacionar com o esquecimento número um de Pêcheux (“a ilusão do sujeito de estar na fonte do sentido” (ORLANDI, 1992, p. 79-80)): “*Procuo expor os fatos tal como os vejo*”. O índice anafórico de referência “*isso*” retoma a SD anterior. Ao afirmar “*temo ser interpretado como alguém que deseja agradar*” o autor estaria tentando negar – “*Longe de mim tal intento*” –, controlar os sentidos; se torna interessante pensar que o autor, não sendo do sul do Brasil, conseguiu a posição de professor catedrático somente em Porto Alegre, nunca tendo conseguido esse espaço no Rio de Janeiro. Sinal de que o

autor poderia ter esse vínculo afetivo com o Rio Grande do Sul, buscando homenagear o povo local na data comemorativa? Entre o dito e o não dito nessa SD, poderíamos apontar como deslize - já que o sujeito tem a ilusão de controle sobre o que diz - esse querer/não querer 'agradar'? Quando diz que a "brasileiridade dos gaúchos nunca foi produto de uma opção, após alguma indecisão", estaria ele silenciando (tentando silenciar) o movimento de resistência dos farrapos ao império?

(SD4)

"Com 6.000 anos de história, a Índia só recentemente recebeu carteira de identidade, que lhe foi dada pelos ingleses"

"No Brasil, brigamos muito, uns com os outros, mas jamais brigamos ou brigaremos contra a unidade do Brasil. A lição dos Farrapos será eterna"

Nessa última SD que traremos à baila para pensarmos o recorte vamos explorar as formações discursivas materializadas no discurso. Torna-se oportuno a noção de identidade, destacada pelo autor: ao citar o exemplo da Índia, que posicionamento o autor delimita? A ação imperialista dos ingleses na Índia, teria dado "*carteira de identidade*" aos indianos...ou seja, os ingleses, povo civilizado, proporcionou aos indianos a (única, homogênea) 'sua' identidade... O autor possui uma ligação com os ingleses, pois trabalhou, durante a segunda guerra mundial, em um hospital naquele país (tendo adotado duas crianças inglesas). Em relação ao gaúcho, estaria o autor tomando essa mesma noção de 'identidade'? Se na primeira SD que aqui trabalhamos, o gaúcho ficou em 'suspensão', em seguida o autor apresenta o gaúcho como o sul rio-grandense brasileiro. Ao encerrar seu texto, Carneiro é mais uma vez contraditório: "*jamais brigamos ou brigaremos contra a unidade do Brasil. A lição dos Farrapos será eterna*". Ora, se "*jamais brigamos contra a unidade do Brasil*", porque a "*lição dos Farrapos será eterna*"? Dar uma "lição" poderia dar uma ideia de punir aqueles indisciplinados, o que extrapola a unidade almejada? Trata-se de reforçar a imagem hegemônica do gaúcho como sul rio-grandense e brasileiro, formação discursiva dominante.

Ao propormos uma análise materialista a partir de sequências discursivas, podemos observar o que Orlandi (2001, p. 38) coloca como *heterogeneidade do texto*, ou seja, "diferentes posições-sujeito no mesmo espaço textual, correspondentes a diferentes formações discursivas que recortam o texto". O autor, que em determinado momento do texto levanta a questão, "*Que coisa é o gaúcho?*", demarca um espaço, o do jornalístico, como aquele que torna aquilo *sobre* o que *fala* objeto, produto, homogêneo, estável, controlável, uma 'coisa'.

ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

As questões que levantamos inicialmente, bem como o referencial teórico e metodológico que mobilizamos (a materialidade dos recortes aqui movimentados) possibilita um romper com um fechamento – em uma imagem de gaúcho, exemplificando o funcionamento do discurso como efeito de sentidos que estão instáveis, em movimento. Não há uma imagem de gaúcho, mas sim imagens

de gaúcho que ora retomam o ‘fora da lei’, ora buscam reforçar o produto desse processo. A inquietação que esse silenciar de outras imagens possíveis para essa constituição de uma identidade, acaba por nos permitir o rompimento com uma ideia – ilusória – de necessidade de consenso. O texto, produzido para uma data específica – o 20 de setembro, para um espaço definido – o do jornalístico, e que busca reforçar uma imagem idealizada de gaúcho, a do mito, nos possibilitou demonstrar o contraditório constitutivo dessa identidade. Isso foi possível pelo deslocamento de nossa relação com o mesmo, nos processos discursivos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HAROCHE, Claudine. Fazer dizer, querer dizer. Tradução de Eni P.Orlandi. São Paulo, SP: Editora HUCITEC, 1992. Tradução de: *Faire Dire, Vouloir Dire*, 1984.

HOUAISS. Dicionário Eletrônico de Língua Portuguesa. Editora Objetiva, 2007.

MARIANI, Bethânia. O comunismo imaginário: Práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922 – 1989). Tese de Doutorado. Campinas, SP: UNICAMP, 1996.

ORLANDI, Eni Puccinelli. As formas do silêncio: no movimento dos sentidos. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992.

_____. Discurso e texto. Formulação e circulação dos sentidos. Campinas, SP: Pontes Editores, 2001.

_____. Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre [et al.] *Papel da memória*. Tradução de José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes. p. 49-56, 1999.

_____. Semântica e Discurso. Uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Orlandi. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2009.

_____. Discurso. Estrutura ou acontecimento. Tradução de Eni Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 2012.

PETRI, Verli. Imaginário sobre o gaúcho no discurso literário: da representação do mito em Contos Gauchescos, de João Simões Lopes Neto, à desmitificação em Porteira Fechada, de Cyro Martins. Tese de Doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

JORNAL ZERO HORA. 20 de setembro de 1967.

<http://www.academiademedicinars.com.br/curriculo-detalhe.php?idcurriculo=20> Acesso em 26 de maio de 2013.